

# O culpado mora ao lado

*Amor e ódio entre vizinhos e muita história para contar*

MARCELA VILLAS BÔAS, MARIANA BARRA E PATRÍCIA TEIXEIRA

**N**a maioria das vezes, tudo começa com um sonho. Duas pessoas se conhecem, se casam e se mudam para o lar tão desejado. Mas e depois? Bom, o sonho pode acabar sendo perturbado por algum fator externo. Foi o que aconteceu em um prédio no bairro da Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A jornalista Fernanda Costalonga, 33 anos, mora há 9 com o marido Eduardo Mello, 36 anos, e dois cachorros em um quarto-sala. Seria normal, se não fosse o restante do prédio. “Já aconteceram algumas coisas tão estranhas que, se contar, ninguém acredita”, afirma a jornalista.

Tudo começou quando Fernanda teve o carro roubado dentro da garagem do prédio. “O porteiro abriu a porta da garagem achando que era um amigo meu que tivesse vindo pegar o carro emprestado às 2h da manhã, sendo que nenhum amigo meu fez algo parecido”, conta a jornalista que hoje consegue rir dessa história. O problema piorou com as interferências que passaram a acontecer por causa dos vizinhos. É normal haver reclamações. Apesar disso, os limites não são tão bem demarcados como deveriam. Foi o que Fernanda percebeu quando sua cozinha inundou porque o vizinho de cima resolveu lavar a varanda e a água acabou entrando pela janela. “Quando percebi, minha cozinha estava completamente alagada! Dá pra acreditar?”, relembra.

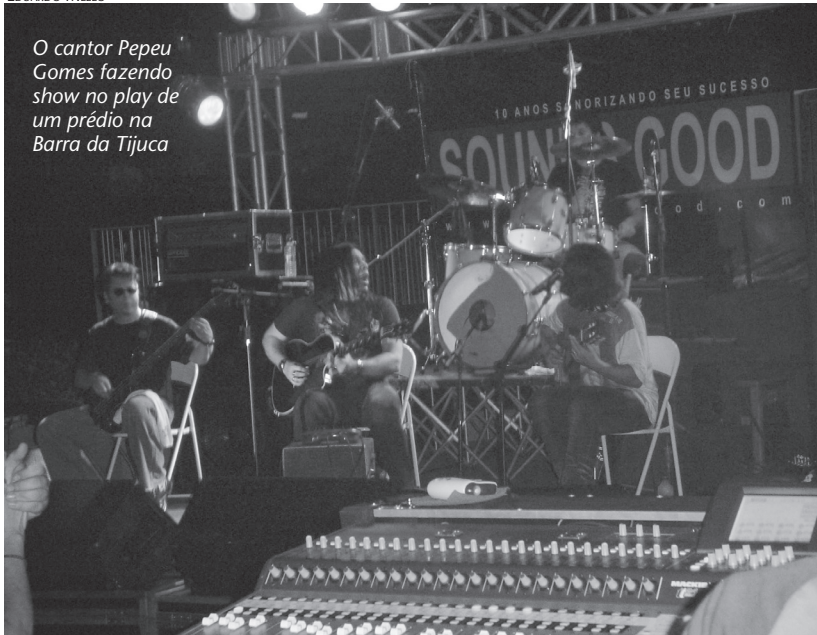
O momento mais curioso aconteceu em uma tarde de sábado, em dezembro de 2006. Ao voltar de um passeio com o marido, Fernanda se assustou com um barulho vindo do lado de fora do apartamento. Ela abriu a porta da varanda, olhou para baixo e viu um palco armado no *playground* do prédio, onde algumas pessoas pareciam estar testando os equipamentos para serem usados em algum show. Para confirmar, Fernanda ligou imediatamente para a portaria. “O porteiro me disse que ia ter mesmo um show lá no meu *play*! Liguei para o síndico reclamando do barulho e ele me disse para esperar até às 22h, porque iria desligar a luz se o barulho não acabasse”. Quando o evento começou, Fernanda reconheceu a voz do

EDUARDO MELLO



Fernanda, Eduardo e os cachorros Whisky e Wendy

EDUARDO MELLO



O cantor Pepeu Gomes fazendo show no *play* de um prédio na Barra da Tijuca

---

***“A proximidade pelo fato de sermos vizinhos ajudou muito, tanto no ato de conhecer um ao outro, quanto no desenrolar de toda a nossa história”*** Amanda Cirillo

---

cantor. Mas como da varanda não conseguia ter a certeza de quem era, pediu ao marido que descesse para descobrir. “Quando ele chegou lá embaixo com uma máquina fotográfica e me ligou confirmando que era o Pepeu Gomes, eu fiquei surpresa! O que ele estava fazendo no meu *play*? Pensei logo que ele deveria estar morrendo de fome pra fazer *show* aqui!”, diz a jornalista. Só depois ela descobriu que o show era uma homenagem de aniversário a um produtor musical que também mora no prédio. “Já estava acostumada com festinhas de aniversário e karôê, mas não com o Pepeu”, conta Fernanda.

Foram aproximadamente duas horas de *show*, com direito a bis. A apresentação do cantor acabou antes das 22h, e ela não precisou ligar para o síndico novamente. Mesmo com todos esses acontecimentos, Fernanda e seu marido não quiseram se mudar. “Acredito que todos os prédios são assim. Têm histórias que você só acredita vendo, ou vivendo”, brinca.

#### **Amor de elevador**

Rua Olegário Maciel, 145 – Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Prédio Mar de Prata, apartamentos 1409 e 1707. Amanda Cirillo, 21 anos, e Márcio Coelho, 34, eram vizinhos há mais de sete anos e tinham se visto apenas duas vezes: em um alerta de incêndio e na piscina do edifício onde moravam.

O cenário de encontro dos dois não foi nada convencional. Era uma quarta-feira. Amanda voltava de uma boate às 6h da manhã e Márcio chegava de um bar. Os primeiros olhares se cruzaram no elevador social do Mar de Prata, quando ambos buscavam apenas um banho e uma cama quente.

Nos três dias que se seguiram, o elevador continuou propiciando inusitados “esbarrões”. Até que em um deles, Márcio pediu o telefone da vizinha, que, neste momento, já chamava bastante a sua atenção.



“Ele me ligou no sábado para sairmos, mas eu tinha uma festa de aniversário e não fui. Depois ele não me ligou mais. Na semana seguinte, fui ao supermercado comprar um chocolate, às 22h, e parei meu carro ao lado do dele. Não acreditei, pois no estacionamento só tinham uns três carros e eu não conhecia o carro dele. No dia seguinte, ele me ligou e nós saímos. Foi engraçado, pois nos encontramos às 19h30 e voltamos para o prédio somente às 10 horas do dia seguinte”, disse Amanda.

A noite teve direito a cinema, jantar, boate e café da manhã em uma padaria da rua onde moram. Além de terem tido a oportunidade de se conhecer melhor, os dois puderam perceber que, apesar da diferença de idade, algo apaixonante e intenso estava por nascer. Um mês depois, ao som de muito *techno* e *trance*, em uma *rave* no Riocentro, o namoro foi oficializado. Queríamos casar com dois meses de namoro. No entanto, passei a morar com ele quando tínhamos seis meses de relacionamento. Não tivemos a menor dúvida de nada! Minhas amigas me acharam maluca de casar tão nova, os amigos dele nem tanto. Mas meu pai, minha mãe e minha sogra sempre deram o maior apoio e torceram pela nossa felicidade”, conta.



A história de Amanda e Márcio é um exemplo de relação entre vizinhos que deu certo e que em vez de ódio, suscitou o amor. Ao contrário das brigas corriqueiras, das fofocas, das discussões em reuniões de condomínio, dos barulhos que incomodam, o casal soube aproveitar o espaço do prédio, da rua e de todo o ambiente em comum que desfrutavam, para fazer surgir uma relação de respeito mútuo, carinho e amor.

### **Às vezes, uma mudança vale a pena...**

A convivência com alguns vizinhos pode se tornar insuportável quando algumas regras de boa convivência não são respeitadas. Em outros casos, a pura implicância com quem mora ao lado gera um universo de conflitos e aborrecimentos, e muitas vezes o jeito mais prático para mudar o quadro é um dos dois se mudarem. Foi exatamente o que aconteceu com a estudante de jornalismo Paula Haefeli, 21 anos.

Paula morava desde a infância em uma espaçosa casa no bairro de Vila Isabel com a mãe e o irmão. Na casa ao lado, vivia um casal um pouco diferente. Sempre que brigavam, a mulher cantava ópera enlouquecidamente para irritar o próprio marido. “Eu ouvia ele gritando para ela calar a boca, ficar quieta, mas quanto mais ele pedia, ela cantava ainda mais alto”, lembra Paula.

A vizinha cantora ainda possuía algumas particularidades que irritavam profundamente a mãe da estudante. Ela começou a perceber que estavam aparecendo vários ratos na sua casa, sem que ela soubesse a causa. Depois de certo tempo, descobriu-se que a tal vizinha empilhava uma grande quantidade de jornais

PAULA HAEFELI



*“Eu ficava angustiada com aquele choro. Eu pegava ração e jogava da minha janela para ele. Era impressionante como o cão se animava e comia sem parar”*

Paula Haefeli

RICARDO BALBI



Acima e abaixo: Amanda e Márcio no casamento

e lixo em casa, o que atraía os roedores. Em outra casa vizinha, havia um morador que abandonara o seu cachorro e, todos os dias, o animal chorava de fome. “Eu ficava angustiada com aquele choro. Eu pegava ração e jogava da minha janela para ele. Era impressionante como o cão já se animava e comia sem parar”. Para completar o cenário, atrás da casa de Paula havia uma Igreja Metodista que ensaiava hinos de louvor a Deus, todos os sábados e domingos, às 6h da manhã. “Era uma barulheira só”, diz a estudante.

Cansada de ter que aturar esse tipo de vizinhança, a família de Paula resolveu se mudar para o Grajaú. “Agora eu moro em um prédio de três andares, sendo um apartamento por andar. Um está vazio, e no outro mora um dentista, amigo da família, que fica mais tempo em São Pedro da Serra do que no próprio prédio”, conta Paula.

